

A tática dos bancos poderá ser revista

NOVA YORK — O fato de o México não ter podido cumprir o programa do FMI reduzirá suas possibilidades de acesso normal aos mercados de capitais e poderá até levar os bancos a reconsiderarem toda a sua estratégia para o manejo da dívida do Terceiro Mundo, disseram ontem banqueiros.

Assinalaram que os principais bancos credores do México haviam realizado exaustivos estudos chegando à conclusão, há apenas alguns dias, de que esse país, que deve US\$ 96 bilhões, poderia obter US\$ 1,5 bilhão no mercado no próximo ano. Mas isso foi antes dos terremotos e do anúncio de que o país não cumprira as metas acertadas com o FMI para o final do segundo quadrimestre.

O México também não comunicou até o momento suas conclusões à maioria dos bancos do comitê assessor para a dívida externa do país e os banqueiros não puderam explicar a causa dessa reticência. Alguns banqueiros sugeriram, porém, que se evitasse qualquer comoção justamente quando estava para ser fechado o acordo para o refinanciamento de US\$ 48 bilhões ao longo de vários anos.

Outros são de opinião de que o México manteve silêncio para não perigar o seu projetado retorno ao mercado de capitais, no próximo mês, mediante a colocação no Japão de bônus da Pemex, a estatal do petróleo. Entretanto, essa tática pode ser contraproducente.

Certos banqueiros já previam que, devido à contínua fuga de capitais e aos menores preços do petróleo, o México necessitaria de US\$ 7

bilhões no próximo ano, e não os US\$ 2 ou US\$ 3 bilhões que o governo havia calculado.

NOVO ACORDO

Essas cifras deverão aumentar novamente, devido às perdas em consequência da queda dos ingressos do turismo, e aos danos causados pelos terremotos. Para os banqueiros, os prejuízos causados pelos terremotos foram tão grandes que não restará alternativa senão a negociação de um novo acordo com o FMI.

As tensões sociais e econômicas causadas pelas medidas de austeridade preconizadas pelo FMI golpearam duramente a América Latina desde 1982, mas os banqueiros podem ainda citar o "bom exemplo" do México.

Sacrificando o seu crescimento interno, o México aumentou as exportações em 1983 e 1984, reestruturou as finanças e assim recebeu promessas de muitos capitais externos. Mas este ano, disseram banqueiros, a excessiva austeridade tornou-se insuportável, o crescimento econômico foi de 7% e o acordo com o FMI desgastou-se.

Agora, os banqueiros temem que outras nações endividadas cheguem à conclusão de que se nem o México conseguiu cumprir as metas traçadas, a falha não é dos devedores, mas sim do tradicional programa de austeridade do FMI. Há suspeitas de que o Brasil, por exemplo, tem intenções de recusar as exigências dos bancos para que se atrelle a um programa do FMI, apesar das declarações em contrário de suas autoridades.